



SEVERINO FRANCISCO

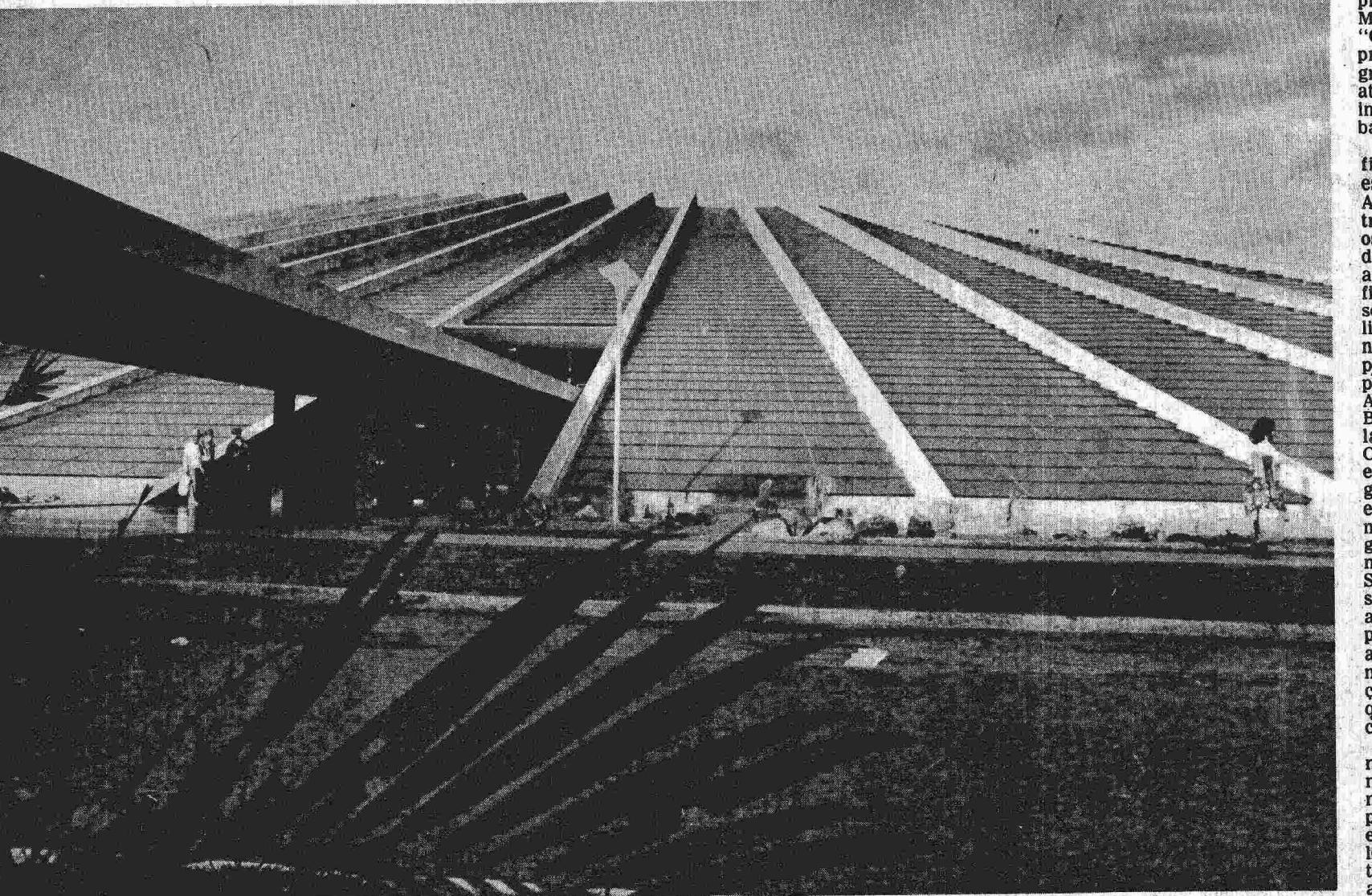
Da Editoria de Cultura

PROGRAMAS CULTURAIS QUASE BONS

Tem gente que está esperando ansiosamente a chegada de Juruna, Agnaldo Timóteo, Beth Mendes, Fernando Henrique Cardoso, Moacir Franco, Paulo Salim Maluf pra ver se o samba de crioulo doido, que o encontro destes personagens pode provocar, agita um pouco a cidade. Por ai dá pra sentir a barra do marrasmo cultural de Brasília. Uma cidade não é feita por superquadras, eixos monumentais, superpalácios, mas pelas relações entre os seus habitantes. Coisa que não acontece em Brasília; aqui quase tudo que se faz é uma ordem. Alguns garantem que a cidade não existe e um professor da UnB chegou a propor a criação de uma associação de Não-Moradores de Brasília. Um ex-assessor da Fundação Cultural conta que, quando trabalhava por lá, havia uma ordem no sentido de que o Festival do Cinema Brasileiro de Brasília fosse realizado precisamente quando a cidade estivesse vazia. A ordem era do ex-ministro Ney Braga, soprada por um "fantasma": "Brasília é uma cidade que precisa ser constantemente desaquecida".

É claro que com os ventos da abertura as fronteiras do desaquecimento se expandiram um pouco, mas continua sendo o paradigma da política cultural de Brasília, onde existe um empenho operacional programático para que as coisas feitas na cidade não dêem certo, criando-se um novo personagem: o desanimador cultural. Exemplo: Brasília é a capital brasileira dos auditórios - quase toda repartição tem o seu, geralmente muito bem equipado e é carente de espaços; as instituições dominam todos os espaços disponíveis formando um sistema de controle cultural. Então que cultura pode prevalecer numa cidade como esta? Que forma de expressão poder ser o símbolo dessa cidade senão a ópera?

Pra quem gosta de cultura oficial é um prato feito. Segundo Orlando Miranda, diretor do Inacem, os custos da temporada da ópera em Brasília, no ano passado, superam toda a verba do Instituto de Artes Cênicas. No ano passado foram re-



Mal aproveitado, o Teatro Nacional é uma das poucas opções culturais



Galpãozinho, teatro aberto



Todos os anos, festival de cinema



A programação deixa a desejar

presentadas três óperas. "A Flauta Mágica", "Carmina Burana" e "Carmen"; outras óperas serão programadas para este ano. A programação de bále é bem servida através da vinda de alguns grupos importantes, em promoção de Embaixadas.

A área de cinema se apresenta deficiente em termos de infraestrutura e pobre em opções. O Cine Atlântida e o Cine Brasília (administrado pela Fundação Cultural) são os dois cinemas mais confortáveis da cidade, o primeiro exibe somente as grandes produções cinematográficas: nacionais e internacionais; o segundo uma programação desequilibrada onde pulula o cinema internacional mais digestivo, fato inexplicável numa sala administrada por instituição de cultura brasileira. A melhor opção cinematográfica em Brasília é a Cultura Inglesa, uma sala pequena mas confortável, onde o Centro de Cultura Cinematográfica exibe grandes clássicos do cinema, grandes filmes do cinema brasileiro e alguns lançamentos inéditos. O Cine Karim Criança tem a melhor programação do circuito comercial, mas é, literalmente, uma estufa. O Superama Karim e o Cine Venâncio, situados no Setor Diversões Sul, apresentam dobradinhas Kung-Fu e pornochanchadas como principal atração. O Cine Spacial, localizado no Lago Sul, possui uma programação irregular, sob o ponto de vista qualitativo, embora seja uma sala confortável.

O grande evento na área de cinema é o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que está permanentemente ameaçado de não se realizar pelas razões mencionadas no inicio e só acontece porque alguns grupos locais pressionam a Fundação Cultural. Na área de música existem alguns bons grupos formados em Brasília (Música-A-Tentativa, Instrumental e Tal, Banda Artiminha, entre outros) e shows esporádicos de grandes astros da música brasileira. Os grupos brasilienses se apresentam, geralmente, na Sala Funarte; e quanto ao pessoal de fora, falta uma programação mais atualizada. Arrigo Barnabé, Tê Spindola, Itamar Assumpção, entre outros, nunca vieram a Brasília. Na música erudita, a opção é a Orquestra do Teatro Nacional - que teve como maestro fundador Cláudio Santoro, músico de prestígio internacional - demitido por divergências com a Fundação Cultural em favor do maestro Emílio di César.

Da mesma forma que acontece na música, somente as experiências mais digestivas do teatro chegam até Brasília, via Fundação Cultural, que detém o controle de quase todos os espaços da cidade (Escola-Parque, Teatro Nacional, Teatro Galpão, Galpãozinho - estes dois desativados). Recentemente foi criado um espaço alternativo para os grupos locais com o Teatro da ABO (Quadra 611 sul) com uma programação de música e artes cênicas interessante, dentro do panorama da cidade.

Nas chamadas artes plásticas, a situação não difere muito das outras áreas. Nos espaços oficiais muita preocupação com as estatísticas.